

Da glória à decadência: um futuro que merecia ser passado

Ao estudar o passado de Picos, em especial seu contexto socioeconômico, descobre-se a importância que o município teve para o desenvolvimento da microrregião, pois a cidade foi, em meados dos anos 50/60, considerada a capital do alho, por sua grande produtividade, cuja planta era cultivada às margens do Rio Guaribas que, àquela época, banhava o município em quase toda a sua extensão.

A vida evoluiu, e Picos regrediu. Conhecida como a cidade do “Já teve”, o município, em muitos aspectos, deu largos passos para trás, especialmente no que diz respeito a seu desenvolvimento social, cultural e econômico. Anteriormente conhecida como a “capital do alho”, hoje, a cidade não tem nenhum vestígio do que um dia foi.



Enquanto prédios e mais prédios foram sendo construídos, as belezas naturais dos morros e rios foram morrendo, pouco a pouco, seja pela ocupação dos “picos” pela população, à desativação daquele que era – pois já não é mais – o único que cortava e banhava o município e que gerou renda para muitas famílias a partir do século XIX.

“O rio atraiu a população para a criação de gado e também para o cultivo/agricultura, e passou, por um longo período, pela cultura do alho”, explicou o historiador Cláudio Roberto.

Com a construção da barragem de Bocaina, a 23Km de Picos, dentro do Rio Guaribas, na década de 80, a água passou a ficar represada no açude, fazendo com que, em determinado período do ano, o rio fique praticamente seco.



Com o crescimento habitacional, o rio que perdia força e dimensão, começou a ser sufocado, ainda mais, pelo despejo de esgotos não tratados dentro do leito, algo que gerou grande impacto no cultivo da cultura do alho no município, matando assim, o título “capital do alho”, que Picos carregou por vários anos.

“É possível ver de longe a situação que se encontra o Rio Guaribas hoje. Além de termos uma água sem qualidade, pois a maior parte dela vem dos esgotos das casas, a gente vê que o rio não tem nenhuma limpeza sequer. Não há mais áreas propícias para o plantio de nenhuma hortaliça”, lamentou o presidente da Cooperativa de Produtores de Alho, José Ayrton.

Onde antes era água em abundância para o cultivo do alho, frutas e hortaliças, hoje se tornou uma vegetação de mata nativa. A correnteza de água que já trouxe riqueza para a cidade picoense, deu lugar a um caminho seco, de terra batida e totalmente sem vida.

Várias iniciativas já foram criadas com o intuito de resgatar a vitalidade do rio. Uma delas foi o projeto “Rio Guaribas Vive”, criado pelo ex-secretário de Meio Ambiente de Picos, o advogado Glauber Silva. Contudo, sem iniciativa pública e, principalmente, sem apoio da sociedade, o projeto permanece engavetado.

“A própria constituição diz que o meio ambiente é responsabilidade do poder público e da sociedade. Para esse rio ser revitalizado, a população tem que ajudar. Não basta cobrar do prefeito, governador ou presidente da república, se a população não faz sua parte. Tem que deixar de jogar lixo e de construir em locais proibidos”, disse Glauber Silva.

É preciso que a sociedade ande de mãos dadas com o poder público e resgate o que um dia foi tesouro municipal.

JAQUELINE FIGUEIREDO